

Abundância para os trabalhadores

Para as pessoas reais, um emprego é uma fonte de orgulho, dignidade e reconhecimento social

Por Dani Rodrik

12/06/2025 05h00 · Atualizado há um dia

Presentear matéria



A maneira mais segura de se perder um público progressista é começar a falar sobre o lado da oferta da economia, a importância dos incentivos e os perigos do excesso de regulamentação. Essas ideias são tradicionalmente associadas a agendas conservadoras. O novo livro de Ezra Klein e Derek Thompson, “Abundance”, pretende mudar tudo isso.

Como Klein e Thompson apontam, a esquerda tem se concentrado tradicionalmente em soluções do lado da demanda. Um princípio fundamental do New Deal nos Estados Unidos e da social-democracia na Europa é o gerenciamento keynesiano da demanda agregada para garantir o pleno emprego. Outro princípio é o das transferências públicas para mitigar o impacto do desemprego, dos problemas de saúde e da velhice.

Leia também:

Ex-ministro de Bolsonaro diz que 'foi otário' após depoimento do ex-presidente no STF

STJ mantém condenação de Nikolas Ferreira por transfobia contra Duda Salabert

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Klein e Thompson enfatizam, com razão, que são as melhorias na oferta que são a fonte da posteridade nos EUA e noutras economias avançadas. Com o aumento da

produtividade, as famílias de baixa e média renda colhem os benefícios de bens e serviços mais baratos, variados e abundantes. No entanto, argumentam que, cada vez mais, a capacidade da economia dos EUA de construir coisas tem sido prejudicada por regulamentações ambientais, de segurança, trabalhistas e outras, e por regras locais de licenciamento complexas e demoradas.

Essas regras e regulamentações podem ser bem-intencionadas, mas também podem ser contraproducentes. Quando governos e comunidades colocam obstáculos no caminho do investimento e da inovação, eles prejudicam a prosperidade.

Os exemplos oferecidos por eles são reveladores. A ferrovia de alta velocidade da Califórnia está anos atrasada. O plano de infraestrutura de Joe Biden prometeu 500 mil estações de recarga para veículos elétricos em todo o país; só sete foram construídas nos dois primeiros anos.

A visão de progresso de Klein e Thompson apresenta energia de fontes renováveis e nuclear barata e segura; água proveniente de dessalinização; frutas e legumes de fazendas hiperprodutivas verticais; carne produzida em laboratórios sem abater animais vivos; medicamentos milagrosos entregues por drones; e fábricas espaciais que suprem nossas outras necessidades sem exigir nenhum trabalhador humano. E, como a IA reduziu muito a semana de trabalho, nós poderemos desfrutar de mais tempo de férias sem sacrificar nosso padrão de vida.

Klein e Thompson estão certos em querer mudar a atenção dos progressistas para o lado da oferta da economia. A social-democracia keynesiana não oferece mais uma resposta adequada ao mal-estar vivido pelos trabalhadores. Mas sua descrição da utopia reflete uma visão que, em última análise, continua sendo consumista. Eles falam muito pouco sobre as pessoas como trabalhadores. Seu foco está diretamente na abundância de bens e serviços que a economia gera - no quanto construímos, em vez de nos construtores.

Nesse aspecto, eles compartilham um ponto cego comum com os economistas que, desde Adam Smith, enfatizam que o fim último da produção é o consumo. Mas o que dá sentido à nossa vida não são apenas os frutos do nosso trabalho, mas também o próprio trabalho.

A perda do emprego produz uma redução no bem-estar individual que é um múltiplo da perda de renda. As comunidades que sofrem com o desemprego têm níveis altos de criminalidade, desestruturação familiar, abuso de drogas e um aumento nos valores autoritários

Quando as pessoas são questionadas sobre o bem-estar e a satisfação com a vida, o trabalho que realizam ocupa o primeiro lugar, juntamente com as contribuições para a comunidade e os laços familiares. Para os economistas, um emprego proporciona renda, mas é negativa - uma fonte de "desutilidade". Para as pessoas reais, um emprego é uma fonte de orgulho, dignidade e reconhecimento social.

A perda do emprego normalmente produz uma redução no bem-estar individual que é um múltiplo da perda de renda. Os efeitos sociais ampliam esses custos. As comunidades que sofrem com o desemprego persistente apresentam níveis crescentes de criminalidade, desestruturação familiar, abuso de drogas e um aumento nos valores autoritários. A ascensão de populistas de extrema direita nos EUA e na Europa tem sido associada à perda de empregos associada a choques comerciais, automação e austeridade fiscal.

Bons empregos pagam bem, mas também oferecem segurança, autonomia e um caminho para o autoaperfeiçoamento. Nada disso é possível sem altos níveis de produtividade. Um progressista que se concentra na abundância de bons empregos, em vez de na abundância de bens e serviços, encontraria, portanto, muitos pontos de concordância no livro. Mas também haveria muitas controvérsias.

Klein e Thompson estão preocupados principalmente com serviços, em vez de bens de consumo propriamente ditos. Mas sua linha de argumentação ecoa o argumento dos economistas a favor da automação e do livre comércio. Pelos critérios convencionais, esses processos podem ter sido eficientes e certamente ajudaram a produzir uma abundância de bens. Mas também prejudicaram muitos trabalhadores. Deixaram nossas sociedades marcadas e ajudaram a pavimentar o caminho para o populismo de direita. Um enfoque de bons empregos nos tornaria mais tolerantes com regras e

regulamentações que sacrificam um pouco da eficiência em prol de melhores resultados no mercado para trabalhadores sem formação universitária.

Em última análise, o verdadeiro desafio para os progressistas é elaborar uma agenda que beneficie os trabalhadores em seu papel de trabalhadores e também em seu papel de consumidores. Isso requer uma abordagem diferenciada para inovação, investimento e regulamentação. Os sindicatos e a negociação coletiva devem ser vistos como componentes essenciais da abundância, e não como obstáculos a ela. Estratégias baseadas em locais e coalizões de desenvolvimento econômico local são fundamentais. E o governo deve colocar o dedo na balança para garantir que a inovação tome uma direção favorável aos trabalhadores.

O fracasso mais gritante das economias avançadas tem sido sua incapacidade de gerar um número adequado de bons empregos. O dano foi além do desempenho econômico, refletido em sociedades divididas e políticas polarizadas. Para remediar esse fracasso, é necessário focar naqueles que produzem a abundância, além da própria abundância. **(Tradução de Fabrício Calado Moreira)**

Dani Rodrik é professor de economia política internacional da Harvard Kennedy School. Copyright: Project Syndicate, 2025.

www.project-syndicate.org

< Mais recente

Próxima >

Conheça o Valor One

Acompanhe os mercados com nossas ferramentas [ACESSAR GRATUITAMENTE >](#)

Conteúdo publicitário